

# ■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

## ■ Terapia comunitária na FUP-UNB: saúde universitária na pandemia de covid-19 e na volta às aulas presenciais

*Community therapy at FUP-UNB: university health in the covid-19 pandemic and back to in-class classes*

 *Eliete Ávila Wolff \**  
*Dulcicleide de Araújo Melo \*\**  
*Helio da Costa Marin \*\*\**  
*Gelciene da Cunha Fernandes \*\*\*\**  
*Ana Luiza Oliveira Leal \*\*\*\*\**

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da prática da Terapia Comunitária Integrativa-TCI no contexto universitário da Universidade de Brasília-UnB, na Faculdade UnB Planaltina-FUP, em específico, a implantação da TCI para o atendimento de estudantes antes, durante a pandemia de Covid-19 e na volta às aulas presenciais. A TCI define-se como uma abordagem centrada na saúde e não na doença, nas possibilidades e não nas dificuldades. Utiliza as potencialidades de cada pessoa para alavancar mudanças e melhorias das condições que impactam na qualidade da saúde mental. Surgiu no nordeste brasileiro, por meio do trabalho do psiquiatra, antropólogo e professor da Universidade Federal do Ceará-UFC, Dr. Adalberto Barreto, criador desta proposta terapêutica na década de 1980. Atualmente, a TCI faz parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde- PNPICs/MS como parte do Sistema Único de Saúde-SUS. Na UnB as Rodas iniciaram em 2019 de forma presencial e durante a pandemia passaram a ser realizadas de forma remota, aumentando consideravelmente o número de atendimentos na comunidade universitária. Na FUP a Roda de TCI, em 2022 passou a dar atenção especial para as mães universitárias camponesas do curso de Licenciatura em Educação do Campo-LEdoC. A proposta é resultado da parceria entre o Decanato de Assuntos Comunitários-DAC/UnB, o Movimento Integrado de Saúde Comunitária do DF-MISMECDF e o PET-Saberes e Sabores Sustentáveis do Campo-LEdoC. Apresentamos aqui os resultados iniciais da pesquisa, que será realizada continuamente, sobre os efeitos dessa Roda. Em geral, é possível perceber que a participação nas rodas traz importantes contribuições no campo da saúde integral do/da estudante universitário/a.

**Palavras-chave:** Terapia Comunitária Integrativa. Educação do Campo. Pandemia Covid 19. Saúde Integral.

**Abstract:** The present article aims to report the experience of the Integrative Community Therapy practice, in the university context of UnB-Planaltina-FUP, in specific, the implantation of the Community Therapy Circle for student service before, during the Covid-19 pandemic and in the return of presental classes. The CTI defines itself as having a health-not-disease centered approach, focusing in the possibilities rather than the difficulties. It utilizes the potentialities in each person to leverage changes and improvements in the conditions that impact in the quality of mental health. The practice emerged in the Brazilian northeast, through the work of the psychiatrist, anthropologist and university professor (UFC), Dr. Adalberto Barreto, creator of this therapeutic proposal in the 1980s. Currently, the CTI is part of the Integrative and Complementary Health Practices National Policy – PNPICs/MS as part of the Unified Health System – SUS. In UnB the Circles started in 2019 in the face-to-face regime and started to be carried out remotely, increasing considerably the number of visits in the university community. In FUP the CTI Circle, in 2022 started to give special attention to college student farmer mothers in the Bachelor's Degree in Rural Education – LedoC. The proposal is a result of the partnership between the Dean of Community Affairs, the Community Health Integrated Movement from DF – MISMECDF and the Tutorial Educational Program – Sustainable Knowledge and Flavors of the Countryside (PET-LEdoC). Here we introduce the initial results of the research on the effects of this Circle. In general, it is possible to notice that the participation in the circles brings important contributions to the field of integral health.

**Keywords:** Integrative Community Therapy. Field Education. Integral Health. Covid-19 pandemic.

---

\* *Eliete Ávila Wolff é professora UnB.*  
\*\* *Dulcicleide de Araújo Melo – MISMECDF.*  
\*\*\* *Helio da Costa Marin - Secretaria de Justiça DF.*  
\*\*\*\* *Gelciene da Cunha Fernandes - Graduação UnB.*  
\*\*\*\*\* *Ana Luiza Oliveira Leal - Graduação UnB.*

## Introdução

Mapa 1 – Polos Formadores em Terapia Comunitária Integrativa no Brasil

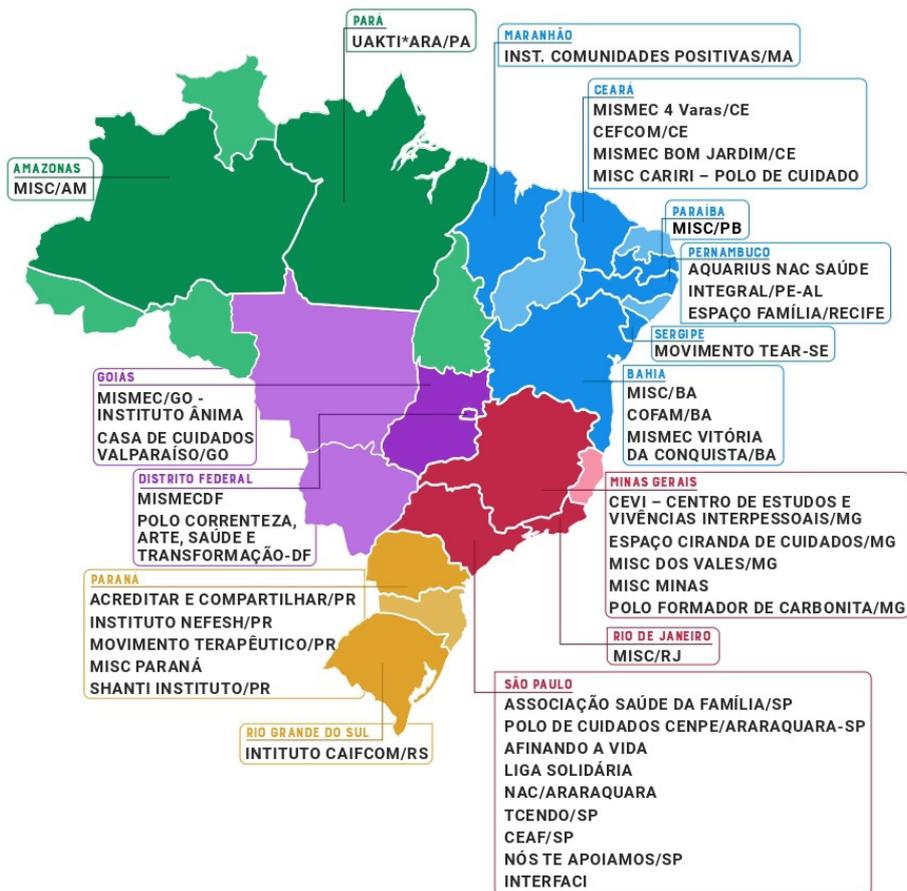
O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) no contexto da UnB-Planaltina, em específico a implantação da Roda de Terapia para o atendimento de estudantes antes e durante as aulas remotas, devido à pandemia de Covid-19 e na volta às aulas presenciais.

A TCI foi criada pelo Dr. Adalberto Barreto (UFC), na década de 1980. Pela Portaria nº 849, de 27 de março de 2017<sup>1</sup>, foi incluída na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), instituídas pela Portaria nº 971/GM/MS, de 3 de maio de 2006, passando a contribuir para a prevenção de doenças e a recuperação da saúde integral em complemento aos serviços de atendimento à saúde pública e estabelecendo um caminho de cuidado para enfrentar os desafios e as inquietações do cotidiano. Favorece o acolhimento, a inclusão e a promoção da saúde individual, comunitária e planetária pelas trocas de experiências e vem se mostrando como prática efetiva na prevenção de doenças psicossociais

(Mapa 1). A TCI está presente em 27 países, na América Latina, Europa e Ásia. No Brasil, conforme Mapa 1 sobre os Polos Formadores em TCI no Brasil (BARRETO, BARRETO, 2021b, p. 65), observa-se que esta prática terapêutica atua em quase todo o território nacional. Estima-se que milhares de Terapeutas Comunitários(os) já foram capacitados pelos Polos Formadores, incluindo mais de 4000 trabalhadores da saúde e lideranças comunitárias, capacitados por meio de parcerias governamentais (CAMAROTTI, 2011).

Conforme Quadro 1, referente à oferta de atividades/procedimentos coletivos e número de participantes por PICS na Atenção Primária à Saúde-APS, de 2017 a 2019 (apresentado como imagem), podemos observar

# POLOS FORMADORES EM TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA NO BRASIL



Fonte: Barreto e Barreto (2021b)

o crescimento da utilização das PICS no Brasil. No caso da Terapia Comunitária Integrativa-TCI, houve um aumento de cerca de 300%, de participação, de 2017 para 2019. Tais dados demonstram um maior acesso da população a essa atividade terapêutica, por meio do sistema de saúde pública, sinalizando um crescimento da oferta de prevenção à saúde.

Na UnB as Rodas acontecem desde 2019 na modalidade presencial e durante a pandemia passaram a ser realizadas de forma remota, aumentando consideravelmente o número de atendimentos. Na FUP-UnB a Roda, iniciada na mesma época, foi presencial e aberta para o público em geral, acolhendo também pessoas da comunidade externa. Após o início da pandemia de Covid-19, em 2022, passou-se a incluir, além do

público anterior, as mães universitárias camponesas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo-LEdoC, como um de seus focos, devido à parceria entre o Decanato de Assuntos Comunitários-DAC/UnB, MISMECDF e o PET-LEdoC na promoção desta Roda.

A LEdoC visa preparar educadores e educadoras para atuar nas escolas do/no campo e tem como público principal, a população da região rural. A formação ocorre em tempos alternados entre universidade e comunidade (Tempo Universidade-TU e Tempo Comunidade-TC). O período de aulas na UnB-Planaltina (TU) acontece por cerca de 60 dias, sendo que os(as) estudantes se instalam no alojamento na própria Faculdade. Algumas mães trazem suas crianças que são cuidadas por um coletivo de estudantes, voluntárias(os) e/ou bolsistas, por meio do Projeto de Extensão Educação Infantil Ciranda. O espaço “Ciranda” acolhe crianças de até quatro anos, enquanto suas mães estudam. O PET LEdoC elegeu as mães camponesas como seu principal objetivo de trabalho, tendo iniciado com esse perfil em 2021.

Com a pandemia de Covid-19 no início de 2020 as aulas presenciais foram suspensas e o atendimento às mães passou a ser remoto. Buscou-se identificar formas de apoio àquelas que passavam por momentos difíceis, de desgaste físico e emocional, devido ao isolamento social. Uma das formas encontradas foi a realização de Rodas remotas de TCI, promovidas pela UnB, buscando proporcionar auxílio no contexto de crise<sup>2</sup>. Em fevereiro de 2022 reiniciamos a oferta da Roda de TCI na FUP de forma remota e quinzenal, buscando a participação das mães universitárias camponesas, a fim de que encontrassem um espaço para falar sobre suas dificuldades pessoais e acadêmicas. Nestes primeiros meses tivemos a participação de cerca de 50 pessoas.

As Rodas de TCI incentivam as pessoas a partilharem o que vivem no seu dia a dia, permitindo que saiam do lugar de espectadores passivos para perceberem a importância de seu potencial pessoal e da autonomia na melhoria de sua saúde e bem-estar para si e para o outro. Um movimento circular e horizontal que permite a convivência respeitosa e colaborativa, onde todos compartilham estratégias de enfrentamento para os desafios do cotidiano. Um ambiente de promoção da saúde que identifica o potencial daquele que sofre, a partir da socialização dos diferentes saberes construídos ao longo

Quadro 1: Oferta de atividades/procedimentos coletivos e número de participantes por PICS na APS de 2017 a 2019

PICS	2017		2018		2019 (PARCIAL)	
	Total	Número de Participantes	Total	Número de participantes	Total	Número de participantes
Plantas medicinais/fitoterapia	12.348	271.005	13.357	303.701	14.977	337.157
Práticas Corporais da MTC	8.606	25.745	42.109	185.136	48.646	355.788
Terapia Comunitária	988	6.278	6.933	38.461	6.326	56.093
Dança circular/Biodança	573	6.439	3.077	35.300	2.934	37.675
Sessão de Biodança	-	-	-	-	3	-
Sessão de Dança Circular	-	-	-	-	2.044	-
Yoga	565	3.870	2.997	24.878	7.732	43.459
Oficina Massagem/automassagem	734	3.536	3.298	24.608	5.271	35.607
Sessão Arteterapia	613	2.450	3.628	10.827	4.036	16.224
Sessão Meditação	438	1.813	3.567	18.648	8.818	35.152
Sessão Musicoterapia	341	1.514	2.552	24.294	3.744	25.815
<b>Total de Atividades</b>	<b>25.206</b>	<b>322.650</b>	<b>81.518</b>	<b>665.853</b>	<b>104.531</b>	<b>942.970</b>

Fonte: SISAB/DATASUS.

de gerações, sem disputa de significados, fortalecendo os vínculos solidários de cuidados (BARRETO, 2010).

O isolamento, provocado pela pandemia, gerou perdas significativas na qualidade da formação acadêmica, pois, a presencialidade permite o aprofundamento da conexão com os conteúdos a serem estudados. Permite, ainda, o estabelecimento de vínculos mais fortes entre as pessoas, sobretudo de jovens, estimulando a troca de afetos e o cumprimento de compromissos individuais e coletivos.

A apesar da importância da volta às aulas presenciais, a TCI da FUP manteve-se remota a fim de dar continuidade aos encontros e fortalecer os vínculos criados no espaço/tempo estabelecidos durante a pandemia e permitir o acesso à Roda de pessoas de diferentes territórios. Refletimos aqui o alcance da TCI na comunidade universitária e os resultados iniciais de nossa pesquisa sobre os efeitos da pandemia na roda estudada. Em geral, é possível perceber que a participação nas rodas traz importantes contribuições no campo da saúde integral.

## O que é a Terapia Comunitária Integrativa

A Terapia Comunitária Integrativa-TCI nasceu na década de 1980. Uma experiência sistematizada e coordenada pelo Dr. Adalberto Barreto (UFC), e pelo advogado Airton Barreto, seu irmão, que atuava no Centro de Direitos Humanos da Comunidade do Pirambu, a maior favela de Fortaleza, no Estado do Ceará, Brasil. Airton atendia a essa população que necessitava de apoio jurídico, mas que em sua maioria também buscava respostas para as suas “dores da alma”, decorrentes dos fatores associados à realidade social em que estavam inseridos e que se assemelhavam aos de emergência social e humanitária (BARRETO, BARRETO, 2021b).

Para atender às demandas de sofrimentos psíquicos apresentadas por essa população, o Dr. Adalberto

Barreto foi até a comunidade com seus alunos e propôs um cuidado coletivo, dando início à construção da prática da Roda de Terapia Comunitária Integrativa. Surgiu então, a TCI do encontro entre o “saber científico” e o “saber popular” (SILVA, 2016).

Essa proposta de atenção comunitária tem como foco o fortalecimento das potencialidades e qualidades das pessoas, e a promoção da formação de redes sociais de apoio para o enfrentamento das inquietações do cotidiano. É um espaço de palavra que liberta, pois “quando a boca cala os órgãos falam”. Que dá visibilidade à dor, ao sofrimento. É um espaço de escuta ativa, quando o outro fala dele, cada um(a) escuta de si, começando a gerar identificações, que podem formar redes de afeto, de vínculos e de comunidade. As pessoas vão chegando isoladas e aos poucos começam a perceber que a dor humana é a mesma, é universal, e, quando juntos, partilham suas dores e descobrem que também podem partilhar as soluções e as estratégias de superação. Compreende-se que o isolamento fragiliza, mas a união protege as pessoas (CARÍCIO, 2010).

A TCI se define como uma abordagem centrada na saúde e não na doença, nas possibilidades e não nas dificuldades. Utiliza as competências de cada pessoa e de cada sistema como alavancas para mudanças e melhorias das condições que impactam na qualidade da saúde integral.

Terapia é uma palavra de origem grega que significa acolher, atender, servir. “Portanto, o terapeuta comunitário é aquele que acolhe e cuida das pessoas de forma calorosa” (BARRETO, 2019, p. 37). A palavra comunidade se refere a algo em comum, e no caso do encontro da terapia, as pessoas têm dificuldades, sofrimentos em comum e buscam encontrar saídas nesse coletivo.

A vida comunitária pode oferecer para sua gente um lugar de diálogo, colaboração, solidariedade e busca de solução de problemas comuns. A TCI oferece algo além do que podem oferecer o serviço público. Este último, já muito precarizado pela falta de recursos, deixa de atender e de oferecer condições mínimas de vida para a população que depende e necessita do apoio do Estado. Nesse contexto, a TCI adquire um papel fortemente social, além de ser terapêutico e comunitário.

A experiência dos Terapeutas comunitários tem sido sempre muito rica em processos de elevação da força coletiva e individual, por meio da redescoberta da humanidade e do valor de se estender a mão ao outro. A TCI ajuda a formar vínculos, afetivos e sociais, criando ou recriando comunidades, onde o sentido de pertencimento não existe ou está fragilizado. As pessoas deixam de se sentir estranhas e sem raízes, reconstruem a sua identidade por semelhança, com as histórias de vida de quem está ao seu lado, e que até então eram desconhecidas. Criam-se laços, amizades, simpatias, empatia. Na TCI existe o respeito à participação e ao protagonismo. Valoriza-se a singularidade dos sujeitos

e a horizontalidade do diálogo. Na prática da TCI todos têm igualmente direito a “vez e voz”, o que significa uma prática de horizontalidade. Não há hierarquia, não há “donos do saber”; todos os participantes de uma roda podem aprender com os relatos de histórias vividas e com as soluções encontradas por cada um. As histórias contadas nessas rodas são verdadeiras pérolas que produzem impacto na saúde e no estilo de vida das pessoas presentes. Na escuta dessas histórias, vimos a possibilidade de abrir espaços para o campo da investigação científica, procurando compreender as mudanças que ocorriam nas pessoas a partir da participação delas nas rodas de terapia (FERREIRA FILHA, LAZARTE E BARRETO, 2015).

Por ser um mecanismo de cuidado comunitário, fundamenta-se também no conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde-OMS, que integra todas as áreas da vida, reconhecendo o bem-estar físico, mental, social e planetário humano, valorizando os recursos e as parcerias disponíveis na rede de apoio de cada comunidade (BARRETO, 2019). Segundo Barreto (2019, p. 39), criador da TCI, os objetivos desta proposta são:

1. Reforçar a dinâmica interna de cada indivíduo para que este possa descobrir seus valores, suas potencialidades, e tornar-se mais autônomo e menos dependente;
2. Reforçar a autoestima individual e coletiva;
3. Redescobrir e reforçar a confiança de cada indivíduo na sua capacidade de evoluir e de se desenvolver como ser humano;
4. Valorizar o papel da família e da rede de apoio que existe em seu meio;
5. Estimular o desejo de união e valorização cultural por meio das instituições culturais e da família;
6. Conectar o saber popular e o científico.
7. Estimular a participação e o diálogo comunitário.

A TCI na sua trajetória tem sido aplicada em diferentes contextos, tais como hospitais, postos de saúde, centros comunitários, escolas, empresas etc. Onde um grupo de pessoas se interessa pelo apoio oferecido por esta comunidade de terapeutas, pode nascer uma Roda de Terapia Comunitária. Muitas rodas necessitam se reinventar para acolher pessoas no enfrentamento de situações como: lutos, inseguranças, medos e suas consequências, que geram sofrimentos que nem sempre precisam ser medicalizados, mas sim, acolhidos. A TCI propõe que a promoção de saúde se dê por meio da construção coletiva de parcerias em que vários segmentos colocam seus saberes à disposição do coletivo.

A condução das Rodas de TCI são realizadas por terapeutas comunitários(as), capacitados por Polos Formadores em TCI, reconhecidos pela Associação Brasileira de Terapia Comunitária-ABRATECOM. Em Brasília, o Polo Formador MISMECDF, há 20 anos forma terapeutas comunitários, sendo que durante a Pandemia de Covid-19, adaptou o modelo de capacitação e ofereceu, pela primeira vez, a formação híbrida.

O processo de capacitação nos convida a conhecer a metodologia da TCI, como uma prática complementar

em saúde que está alicerçada em cinco eixos teóricos: O Pensamento Sistêmico; A Teoria da Comunicação; Antropologia Cultural; Resiliência e A Pedagogia de Paulo Freire (2014).

Paulo Freire acreditava que a superação da opressão só é possível por meio da educação como prática libertadora, esta, vinda por meio dos próprios oprimidos, pois são eles que verdadeiramente sofrem e sentem o significado de uma sociedade opressora (FREIRE, 2014).

Da mesma forma que a educação se expande como prática libertadora ao dar voz e vez ao sujeito, tornando-o protagonista de seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento, a saúde integral se expande, ao compreender a cura como um caminho articulado entre o fortalecimento individual e coletivo de sujeitos que compartilham sofrimentos e se unem para encontrar estratégias para lidar com eles, para superá-los ou, pelo menos, para melhor compreendê-los.

Quando se busca alívio ou cura nos profissionais de saúde, muitas vezes são encontrados limites, já que as diversas faces do sofrimento são pouco discutidas na própria formação acadêmica, onde o modelo médico está voltado para a identificação de doenças e sua respectiva cura. Assim, surgem dificuldades nestes profissionais para abordar síndromes indefinidas como: ansiedade, estresse, angústia, depressão, medos e dores inespecíficas. A TCI, lida com tais casos resgatando a força e a autonomia individual, por um lado, e tecendo redes, por outro, buscando a tomada de consciência dos recursos já disponíveis, muitas vezes presentes na vida cotidiana (FUENTE-ROJAS, 2011)

Para tanto, existem os protocolos básicos e as técnicas criadas para organizar o funcionamento das Rodas de TCI, a fim de que se estabeleça um diálogo possível entre os(as) terapeutas comunitários(as) no contexto das rodas. A sequência das Rodas é desenvolvida em 6 (seis) etapas, são elas:

**Primeira etapa: o ACOLHIMENTO** - acolhe o grupo e apresenta as regras que orientam o diálogo respeitoso no desenvolvimento da roda. **Segunda etapa - A ESCOLHA DA INQUIETAÇÃO** - incentiva o grupo a partilhar as inquietações do cotidiano e escolher uma para refletir na roda do dia. **Terceira etapa – a CONTEXTUALIZAÇÃO**, objetiva compreender a inquietação do protagonista por meio de perguntas que favoreçam uma reflexão de si e seus vínculos, seus valores/crenças, entre outras. **Quarta etapa - a PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS**, objetiva fazer emergir situações semelhantes vivenciadas e suas respectivas estratégias de enfrentamento pelos participantes do grupo. **Quinta etapa – o ENCERRAMENTO** - amplia o significado das experiências vividas, possibilitando renovação e mudança consigo e com os outros. **Sexta etapa – a APRECIÇÃO**- reflexão da ação desenvolvida como um caminho para aprimorar ações futuras (BARRETO e BARRETO, 2021a).

## A terapia comunitária na FUP: mães universitárias e camponesas

Em 2019 a UnB iniciou sua oferta de TCI como serviço de atenção à saúde de estudantes universitárias/os, em parceria com a Gerência de Práticas Integrativas em Saúde (GERPIS) da Secretaria de Saúde do DF (SES/DF). A partir daí e ao longo de dois anos de isolamento social, devido à pandemia de Covid 19, a Diretoria de Atenção à Saúde Comunitária Universitária, vinculada ao DAC, realizou mais de dois mil atendimentos por meio da rede de terapeutas comunitários(as) voluntários(as).

Os encontros foram promovidos em 2019, de forma presencial. Com o isolamento e o início das aulas remotas, a TCI passou a ser ofertada nesta modalidade, sendo possível verificar um aumento significativo na frequência de estudantes nas Rodas. A adaptação para o formato on-line possibilitou a continuidade do acolhimento emocional e o cuidado de estudantes que se viram diante de uma nova situação, em muitos casos de grande isolamento e medo.

A partir do retorno às aulas presenciais em 2022, a Roda de TCI da FUP continuou no formato remoto, que cumpriu um papel essencial durante a pandemia, buscando acolher estudantes de comunidades distantes, como as mães universitárias camponesas.

As Rodas de TCI remotas possibilitam também a participação da comunidade do entorno da universidade, e inclusive de outras cidades, estados e regiões do país, que normalmente não seriam atendidos, se não fosse esse recurso virtual.

Para conhecermos as contribuições da Roda de TCI, via remota, na FUP, aplicamos um questionário aos 25 participantes que integram, atualmente, o grupo, que o receberam via whatsapp. O formulário do “google forms” contém 29 perguntas e aborda questões relativas à experiência e a contribuição da roda. Foi respondido por 14 pessoas, dentre as quais 78% são estudantes da UnB. Este universo da pesquisa será ampliado na medida em que a Roda da UnB-Planaltina for se consolidando, possibilitando a continuidade deste estudo.

Sobre a percepção do acolhimento da roda, 71% afirmou se sentir muito acolhida/o. As razões que levaram à decisão de participar da roda foram, em ordem decrescente: 1. Sentir muita angústia e ansiedade (64%); 2. Se sentir só (35%); 3. Se sentir deprimida/o (14%).

Acerca do interesse em seguir participando da Roda, 64% afirmou ter muito interesse. Como apenas uma inquietação é escolhida em cada roda, a maioria das pessoas (42%) afirma que o tema eleito gera muitas contribuições para si, mesmo não tendo sido ela que o sugeriu. Neste caso, 50% considera

que as reflexões sobre os temas as ajudam bastante, e contribuem para seu fortalecimento. Para cada inquietação selecionada pelo grupo, surgem estratégias para lidar com elas, vindas dos próprios participantes. Neste sentido, 80% afirma que elas são úteis para lidar com o cotidiano,

O funcionamento da Roda supõe regras que auxiliam e organizam o trabalho terapêutico, conforme relatado anteriormente, democratizando a participação. As regras são: fazer silêncio (desligar os microfones nas rodas remotas); não dar conselhos, julgar ou fazer críticas ao outro; falar de si e de sua própria experiência. Por outro lado, a roda acolhe contribuições de músicas significativas para os temas debatidos ou momentos de reflexão, assim como ditados, poesias e até piadas, que possam ajudar a compreender uma situação difícil, olhá-la com serenidade e retirar dela aprendizagens. Diante da pergunta sobre a utilidade das regras para o funcionamento do trabalho terapêutico, mais de 90% entende que são necessárias e que auxiliam o desenvolvimento da roda. Por outro lado, existe uma sequência na dinâmica da roda (acolher, comemorar, identificar as inquietações, falar sobre as inquietações, identificar as estratégias) que deve ser seguida. Ao comentar sobre isso, da mesma forma, o grupo entende que enriquece as aprendizagens do processo.

Mesmo tendo um impacto muito positivo em todas as pessoas que responderam o formulário, a frequência varia muito. Barreto, em suas palestras, afirma que não existe um número mínimo de rodas para que aconteça algum tipo de mudança positiva. Pode ser uma ou mais. Cada roda é única e traz um momento de reflexão que pode repercutir imediata ou posteriormente. Uma única descoberta, compartilhamento ou escuta pode ter uma grande importância e impacto na vida cotidiana.

De acordo com os estudos realizados por Ferreira e Schneider (2020), Alves et al (2021) e Castro et al (2022), os resultados apontam que a Terapia Comunitária Integrativa pode fazer parte de projetos mais amplos voltados à compreensão dos sofrimentos coletivos, à saúde do trabalhador e para contribuir na elaboração de políticas públicas de instituições de ensino. Seu efeito na diminuição de tensões sempre presentes no trabalho coletivo se evidencia, sendo possível, inclusive sua contribuição em contextos escolares.

## Considerações finais

A Terapia Comunitária tornou-se um recurso de promoção e prevenção da saúde no contexto universitário da UnB, tendo se fortalecido durante a pandemia. Permite estimular o fortalecimento de quem

se encontra em sofrimento devido às demandas da vida acadêmica. Pedir auxílio neste contexto onde as provas de força, capacidade e superação são exigidas constantemente, é um ato de auto respeito, auto valorização e até de reconhecimento dos próprios limites. Esse reconhecimento é, em si, um indicador de saúde, é o sofrimento que leva à busca de auxílio.

As Rodas realizadas dentro da universidade, de forma remota, reuniram estudantes e funcionários de distintas faculdades, incluindo pessoas externas à instituição. Pode-se dizer que esta foi uma realidade presente durante a pandemia, modificando de forma significativa as relações interpessoais que já não estavam mais ligadas a um espaço físico. Neste sentido, os processos afetivos acontecem durante o tempo/espaço de existência da Roda, sendo que sua dimensão coletiva se estabelece dentro destes mesmos limites. O que a roda proporciona é uma conscientização da necessidade das redes de apoio, ou mesmo do reconhecimento dos recursos presentes na vida das pessoas que estão participando. A Roda propõe que a pessoa valorize os recursos que ela já possui, fora da academia e daquele grupo.

Mesmo assim, os encontros de TCI se caracterizam pela mútua ajuda por meio da troca de estratégias, da escuta, do reconhecimento da força individual, da valorização das qualidades de cada um ou cada uma. Durante o trabalho terapêutico busca-se articular a dimensão subjetiva, familiar, social, e física apoiando a qualidade e a capacidade e não a dificuldade e a carência. As inquietações apresentadas estimularam a força e a autonomia individual. O acolhimento caloroso, o cuidado, o servir e o atender é o ponto de partida para a criação de saídas das dificuldades. A TCI tem a intenção de reforçar a dinâmica interna de cada indivíduo, sua autoestima, sua confiança em si mesmo, a valorização da sua ação no mundo, seu papel na família e nos grupos dos quais participa. Favorece a construção e reconstrução de relações sociais e culturais, assim como a reflexão e o diálogo.

Para o grupo é importante que se estabeleçam relações horizontais de abertura para as falas, permitindo a manifestação, sem julgamentos. Diante do contexto exigente da universidade, dar-se a oportunidade de participar de uma roda de TCI pode ser sinal de grande sofrimento, mas também é um ato de maturidade presente na busca e no pedido de auxílio.

A Terapia Comunitária Integrativa se propõe a abertura de novas descobertas sobre as formas alternativas de encarar as exigências da vida. No contexto universitário, e principalmente, para as mães universitárias camponesas, esse fortalecimento é necessário. A pesquisa apresentada permite identificar os primeiros resultados destes benefícios alcançados. ■

## Notas

- <sup>1</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE (2017) é uma portaria que inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares.
- <sup>2</sup> O Projeto de Extensão Educação Infantil Ciranda, iniciou, em junho de 2020, um Grupo de Apoio Psicossocial para estudantes da LEdoC. Tratava-se de um grupo de acolhimento cujo objetivo foi o de reunir estudantes em geral, de forma a possibilitar a reflexão e o diálogo sobre o estado de incerteza e insegurança vivenciado. O grupo tinha como objetivo principal apoiar as mães universitárias camponesas e continuou sua atuação até o ano de 2021, via remota, oferecendo, pelo whatsapp, recursos diversos (textos, vídeos, apresentações, músicas, jogos, etc).

## Referências

- ALVES, Mariane Inaraí; FELIPE, Adriana Olimpia Barbosa; BRESSAN, Vânia Regina; RESCK Zélia Marilda Rodrigues; MOREIRA, Denis da Silva. **Efeito da Terapia Comunitária Integrativa sobre os sintomas de ansiedade em adolescentes no contexto escolar**. Research, Society and Development, v. 10, n. 3, e5010312986, 2021.
- BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária, passo a passo**, 5ª ed. revisada e ampliada. Fortaleza: Gráfica LCR, 2019.
- BARRETO, A. P.; BARRETO, M.C.R. **Guia para a prática em Terapia Comunitária Sistêmica Integrativa**. Fortaleza: Gráfica Sergio, 2010. BRASIL.
- BARRETO Adalberto de Paula; BARRETO M. C. R. - Coletânea - **A Prática da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) - Desafios e Possibilidades – Vamos pensar juntos?** Caderno Pedagógico 3 - As Etapas da Terapia Comunitária Integrativa , 2021(a).
- BARRETO Adalberto de Paula; BARRETO M. C. R. - Coletânea - **A Prática da Terapia Comunitária Integrativa (TCI) - Desafios e Possibilidades – Vamos pensar juntos?** Caderno Pedagógico 4 - Praticando a restituição, as perguntas na contextualização, e o mote, 2021(b).
- CAMAROTTI, Maria Henriqueta; GUEDES, Tereza C. G. de P. F; BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária Integrativa sem fronteiras**. Compreendendo suas interfaces e aplicações. Brasília, DF: MISMECDF, 2011.
- CAMAROTTI, Maria Henriqueta; GUEDES, Tereza C. G. de P. F; BARRETO, Adalberto de Paula. **A Terapia Comunitária Integrativa no cuidado da saúde mental**. Brasília: Kiron, 2013.
- CARÍCIO, Márcia Rique. **Terapia comunitária: um encontro que transforma o jeito de ver e conduzir a vida**. João Pessoa: UFPB/CCS, 2010. 133f. Mestrado
- CASTRO, R.; FREITAS, C. A.; RODRIGUES, E. P.; SILVA, M. B. **Terapia comunitária sistêmica e integrativa como instrumento de avaliação e diagnóstico da saúde de servidores da secretaria de educação de Uberaba-MG**. Temas em Educação e Saúde , Araraquara, v. 12, 2016. DOI: 10.26673/tes.v12i0.9814. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9814>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FERREIRA FILHA, Maria de Oliveira; LAZARTE, Rolando; BARRETO, Adalberto de Paula. **Impacto e tendências do uso da Terapia Comunitária Integrativa na produção de cuidados em saúde mental**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2015 abr./jun.;17(2):172-3. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i2.37270> , consultado em 10/06/2022.
- FERREIRA, Luciana De Oliveira. SCHNEIDER, Sandra Giacomini. **Terapia comunitária integrativa na mediação de conflitos socioemocionais no contexto escolar**. Revista Internacional Educon, Volume I, n. 1, e20011013, set./dez. 2020
- FUENTE-ROJAS, Marta. **Psicologia e saúde: a terapia comunitária como instrumento de sensibilização para o trabalho com comunidades na formação do psicólogo**. Experiências Psicol. cienc. prof. 31 (2), 201, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bsyYgixLcX3yGSqjWndgzjG/?lang=pt>. Consultado em 10/07/2022
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional de Gestão Estratégica e Participativa no SUS – Participa SUS**. 2. ed. Brasília, DF, 2009.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria Nº 849, de 27 de março de 2017, Brasília, DF, 2017.
- SILVA, Priscila Maria de Castro. **A terapia comunitária como estratégia de intervenção para o empoderamento de usuários de CAPS em processo de alta**. João Pessoa, 2016. Tese de Doutorado, UFPB.